

Artífices coleção



Ciro Palmerston Muniz

TEMPO MAIOR

CIRO PALMERSTON MUNIZ



TEMPO MAIOR

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura
produzidos por estudantes do curso Técnico em
Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e
Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios
(Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.*

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação de Walter Guerra.

Artífices^{coleção}



Ciro Palmerston Muniz

TEMPO MAIOR

ISBN 978-85-67022-58-1

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

| | |
|------|---|
| M966 | Muniz, Ciro Palmerston. Tempo maior / Ciro Palmerston Muniz. – Goiânia: Ed. IFG; João Pessoa: Ed. IFPB, 2021. – (Coleção Artífices). 128 p. ISBN 978-85-67022-58-1 ISBN (e-book): 978-85-67022-49-9 I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção CDD 869.1 |
|------|---|

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - CRB1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO | 7 |
| PREFÁCIO | |
| “DEIXA-ME CRER EM ALGUMA COISA ALÉM DE MIM” | 17 |
| ACASO | 25 |
| ROSA-ESTRELA | 27 |
| NÉVOA DE CREPÚSCULO | 29 |
| FANTASIA DE SONHO | 31 |
| SOLIDÃO MAIOR | 33 |
| CATEDRAL | 35 |
| O MOLEQUE | 37 |
| BELO | 39 |
| POESIA | 41 |
| PAISAGEM MORTA | 43 |
| OPINIÃO | 45 |
| POEMA NEBLINA | 47 |
| SENTIR | 49 |
| SÓ OS SEUS OLHOS | 51 |
| PESAR DE AMIGO | 53 |
| SEGREDO | 55 |
| FLOCO DE LEMBRANÇA | 57 |
| DISTANTE | 59 |

| | |
|---------------------------|------------|
| O ENGRAXATE | 61 |
| MARIA PRETA | 63 |
| VONTADE | 65 |
| INDAGAÇÕES AO NADA | 67 |
| SEU SORRISO | 69 |
| RETRATO-SOMBRA | 71 |
| PRECE | 73 |
| CRER | 75 |
| HORA ERMA | 77 |
| QUADRO | 79 |
| SILFOS EM BAILE | 81 |
| DE TUDO A VOCÊ | 83 |
| MIRAGEM | 85 |
| AINDA NO FIM | 87 |
| MEDO | 89 |
| VILA SORRISO | 91 |
| ESTÁTUA | 93 |
| QUANDO CANTASSEM OS GALOS | 95 |
| NUM INSTANTE DA VIDA | 97 |
| TIC-TAC | 99 |
| ÂNSIA | 101 |
| RASTRO DE FOGO | 103 |
| MINHA VIDA | 105 |
| QUASE PRESENTE EM MIM | 107 |
| POEMA-DISTÂNCIA | 109 |
| PINGO DE POEMA | 111 |
| | |
| POSFÁCIO | |
| UMA ESTREIA MAIOR | 115 |

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em “Semelhança”.

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Vagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada, Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o crime de aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados

nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livreria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos,

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram

a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreatantes na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte

das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanaria de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, posfácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

PREFÁCIO
“DEIXA-ME CRER
EM ALGUMA COISA
ALÉM DE MIM”

Os versos de *Ciro Palmerston Muniz* que dão título a este texto são sempre lembrados por mim. Ficaram cravados na memória do meu coração, e eis que os vejo novamente no livro *Tempo Maior*, o primeiro, o prenúncio de tantos versos do menino, que sabia alegrar os amigos com seus casos engraçados, o riso espontâneo, na simplicidade de quem constantemente encontrava um motivo para se alegrar. E sempre esteve ligado a grupos de teatro, literatura e canto. Participou da *Agremiação Goiana de Teatro (AGT)*, dirigido por *Otavinho Arantes*, e atuou em várias peças. Seu espírito ansiava pela Arte.

Entre os companheiros do Grupo de Escritores Novos (GEN), ele se estabeleceu com a amizade leal, com a palavra autêntica, filtrada pelos veios do sentimento e da emoção. Fez parte da criação desse grupo, que, na década de 1960, deu início a um trabalho importante na Literatura Goiana. Foi o segundo presidente.

No livro *Poemas GEN – 30 anos*, *Ciro* disse: “Nunca pensei no GEN como um tema, mas como um período feliz da minha vida, quando as sujeições não existiam e eu podia confiar nas pessoas que eram todas amigas e partilhávamos os mesmos sentimentos. [...] Sinto que temos uma convivência que poucas pessoas têm, que, ao se encontrarem hoje, fosse como se continuassem um papo de ontem, bem natural, e que nin-

guém em volta entende”. Excelente na arte de declamar poemas e textos em prosa, sentia-se eternamente jovem naqueles anos 1960.

A estrela, o menino, o sonho, a poesia e, sobretudo, o amor sempre estiveram em sua imaginação e sensibilidade. O amor não o largava, nunca. Amava a infância, a terra, o tempo, a mulher escolhida e suas dádivas (boca, olhos, mãos, sua força e presença, o aconchego e a eternidade).

Tempo Maior foi o início de sua obra calcada nas lembranças, no jeito de ver o mundo e de vislumbrar-se parte de um todo que nunca se conclui. O primeiro poema, “Acaso”, registra a condição de poeta, a perspectiva da inserção no tempo, quando a espera é pelo amanhã que nem sabe se virá. Para o homem velho, então, não há espera. Ele, o poeta, observa a si mesmo, a sua importância de criatura humana, à sua luz e à luz do outro. “Precipitar-me num ponto/ quebrando a barreira/ do que pensam de mim ou do que penso de mim como outros”. Preocupa-o saber o que pensam dele e saber da aprovação ou da rejeição dos que o veem e o sentem. Se fosse um dos outros, o que acharia de si mesmo? Ainda muito jovem, filosofava sobre a questão da existência do homem e seus significados, e o texto tem o traço forte dessas observações. O homem vive entre perigos inacabáveis e também possibilita sérios perigos para si mesmo e para os outros.

O último livro de Ciro Palmerston, o *Chapéu*, reúne poesias publicadas de 1962 a 1987, porém nem toda sua poesia está no livro. Há uma seleção feita pelo autor. Assim, de *Tempo Maior* são apenas três: “Opinião”, “Solidão maior” e “Rosa-Estrela”.

“Opinião” traz o passado, o ontem, a infância nas lembranças que vêm e vão. Essas recordações são frequentes no poeta que se compraz ao admiti-las, mesmo

sombrias, sejam pessoas ou fatos, desde que lhe ofereçam emoções e ocupem os sentimentos. Tão ciente de suas reflexões, que discorda do som do apito, na noite, ao afirmar que, até aquele instante, tudo ia bem. O poeta, conhecendo suas próprias decepções e as fraquezas do mundo, opõe-se. Não que fosse um pessimista, mas sim por seu jeito de ver o real e suas singularidades, contratempos e proveitos. E o amanhã é sempre uma incógnita, não existe.

Em “Solidão maior”, Ciro expande-se na enormidade do universo, com o voo incerto do pássaro, que está só, em um grande horizonte. Esse só desenha-se como solidão? O pássaro sente-se só, abandonado? Ou está assim por escolha, deliberação? O título Solidão sugere um vazio, um sentir-se apartado de todos. O estar só é ação escolhida conscientemente. Não significa infelicidade, tristeza. Já o sentir-se só é sentimento de abandono, de agonia. O autor não determinou o estado do pássaro. A leitura dos versos sugere que o homem e o pássaro assemelham-se nesse aspecto, mas a enorme diferença está no fato de que o homem é um ser humano. O poeta simplesmente diz “és pássaro e eu, gente”. A palavra gente encerra todo o significado, toda a carga de ser a maior obra divina. E é interessante observar os diferentes estados de alma pelos quais o homem pode passar: só, sozinho, solitário, solidão, solitude.

*Pássaro só
voo incerto,
num azul tão grande.
O que nos difere
é que*

*és pássaro
e eu,
gente.*

“Rosa Estrela” é o terceiro e último poema escolhido de *Tempo Maior*. As palavras-chave: tempo, estrelas, rosa, sonho, mundo e homens. Ciro Palmerston é um observador do tempo, que nada revela, e ele, poeta, vale-se de imagens para as confidências. As estrelas contemplam-se e sabem de sua perenidade, e a rosa procura resistir, mas sua existência continua apenas no sonho do poeta. O homem, no dia a dia, preocupa-se com a concretude das coisas, não se deleita nem com as estrelas. Onde o sonho, a veleidade, o olhar para si mesmo e reconhecer-se simplesmente o encantamento de Deus? Mário Quintana poetou: “Uma vida não basta ser vivida. Ela precisa ser sonhada.”

Ciro, o amigo que se foi muito cedo, com 52 anos, deixou-nos tristes, mas seus versos permanecem em nossa alma. Costumava chegar sério nos encontros do grupo, mas logo se armava de risos e de casos. Administrador das empresas da família tinha visão certa para os negócios, com opiniões bem fundamentadas e ações precisas e coerentes. A famosa Pousada do Rio Quente começou com ele. Um detalhe de que sempre vou me lembrar: quando lancei o livro *As moças do sobrado verde*, ele foi uma noite antes da data marcada e ligou-me perguntando se eu havia mudado o local. Rimos muito. Isso significou apenas um detalhe na profunda amizade que o unia a mim e a todos os companheiros de ofício e de luta. Ciro amou a família, os amigos, a poesia e a mulher para quem escreveu: “Só os seus olhos/ quebraram o silêncio/ neste adeus”.

Excelente a ideia da reedição de Tempo Maior e das demais obras, compondo a Coleção Artífices, no propósito de recuperar um pouco da história da produção gráfico-editorial da Escola Técnica Federal. Nossos poetas e prosadores são, conseqüentemente, divulgados.

MARIA HELENA CHEIN

Professora, poeta e contista goiana.

A

José Luiz Nunes
Amphilophium Alencar Filho
Aldair da Silveira Aires

À minha avó
Djanira Palmerston

ACASO

Aspirar incontida espera
neste acaso sem amanhã
Precipitar-me num ponto
quebrando a barreira
do que pensam de mim,
ou do que penso de mim como outros.

Observar o inseto
que suga sangue
como homens,
e medir perigo
entre inseto

e homem,
confundindo-os.

Neste acaso sem amanhã,
lírios negros povoam a terra

dos homens velhos

e sem espera.

ROSA - ESTRELA

Num tempo mudo
as estrelas se contemplam
eternas.
E a rosa mais rubra
se despe da côr,
do perfume,
persiste no tempo,
cristaliza-se no vaso informe
do efêmero
e vagueia no meu sonho inconsistente
que procura eternizar
a côr,
 o perfume,
 a rosa
o meu sonho,
num mundo onde os homens
não contemplam
nem o tom mais belo
das estrelas.

NÉVOA DE CREPÚSCULO

Era um grito de esperança,
extravasando os sentimentos.
Era uma névoa de crepúsculo,
pintando alma incolor.

E que foi esperança?

E que foi crepúsculo?

Hoje, é esperança finda,
numa alma pintada
de crepúsculo.

FANTASIA DE SONHO

Fantasia de sonho
do-não-ser.
Súbito, o sol
ilumina demais.
Destrói.
Quisera ser cego de esperanças.
Minha marionete de bolhas de ar,
estoura,
estoura.

A vida nos conta tantas
histórias de fadas!!!

SOLIDÃO MAIOR

Pássaro só
vôo incerto
num azul tão grande.
O que nos difere
é que
és pássaro

e eu,

gente.

CATEDRAL

Não mais tornar.
Existência catedral
ruiu à simples e sincera
afirmação criança.
Não mais tornar.
Choro inaudível
de quem procura horizontes.
Só no ermo da alma
encontro-os.

Não prometem nada.
Tornar, não mais.
Aquilo, que agora despojos,
pareceu-me imensurável.
Erguer um eterno morto,

para quê?

Quão restrito

o infinito

aos meus olhos.

O MOLEQUE

Eis que o moleque
que corria, atirando pedras,
viu-se homem
e não sabia onde esconder.

Que a noite
entrelaçada de dúvidas
batia-se sobre o homem.
E os passos que iam vagos
cessaram

Ele correu no deserto
procurando,
procurando.

Eis que o encontro, dou-lhe vida e forma

continuo ainda,

olhando

procurando.

BELO

O segredo de minhas frases
interminadas,
está no seu
nome,

seu

nome...

POESIA

Folha levada pelo vento.
Folha arrancada brutalmente
da sua árvore,
levada pelo vento.
Quadro triste.
Sem vida,
sem poesia.

PAISAGEM MORTA

Ao crepúsculo,
fantasia-se de loiro
o mato entre muros.
Era paisagem pra um.

Com loiro nos olhos,
em êxtase ao belo,
pensava: às vezes em nada,
ou nada pensava.

O homem veio
derrubando capim, crepúsculo,
o nada que eu pensava.

A paisagem agora,
parece quadro concreto.

OPINIÃO

Lembrança longe
dum passado recente,
Silhuetas informes
deslizando na memória
que esquece

e apaga.

Ontem mais esquecido
que minha infância.

O apito na noite
informando:
“Até agora, tudo bem”.
Discordo do apito.

POEMA NEBLINA

Corri riscando a neblina,
fazendo poemas.
No contraste do cinza,
meus gestos azuis,
na neblina poema.

Quis cantar alto
os poemas que fiz
na bruma do tempo.

O poema se desfez.
Ficou apenas o cinza
no azul dos meus gestos,
num poema
cinza-azul-neblina,
que não li
mas senti.

SENTIR

Sentir amarguradamente
o espaço sem tempo
Debater-se em busca incontida
do olhar azul das pedras,
do gesto seco das nuvens.

Fartar-me de ser eu,
que só busco olhares azuis,
tenros amores.

Ser mais inconstante
que este momento
que não voltará nunca.
É demais
neste túnel.

SÓ OS SEUS OLHOS

Só os seus olhos,
quebraram o silêncio
neste adeus.

Foi o dia em que mais amei você.
Quando era criança
gostava das coisas pequenas,
como sorriso, estrela.
Hoje amo coisas inatingíveis
como sorriso, estrela.

O cão de veludo
olhou-me severo
e latiu.
Perguntei ao cão:
por que você late?
E ele:
porque sou cão.
Aos olhos do mundo,
quem somos?

PESAR DE AMIGO

Procurei o amigo
amigo,
para cumprimentá-lo.
Não estava.
Havia fugido de nós.
Mas não conseguiu fugir
de si.

Nem desta primavera,

que o deixava mais velho

um ano.

SEGREDO

Certeza do certo
e vacilar.
Incontestável desejo
de dizer o quanto
e tanto tempo
que passei em sonhá-la.
Vacilar e cobrir
com máscara
do sorriso
a imensidão do amor.

Orgulho sem queda,
firme e quedo,
onde o gesto de carinho está
preste a estender.
Mas a negação é talvez.
Orgulho não cai.
Passarei a sonhá-la
outros tempos,
certo na certeza que amo,
e certo que negarei.

FLOCO DE LEMBRANÇA

Era um riso
tão riso
que sorrias.
E flocos de estrelas
caindo sob o teu olhar,
no tempo do nosso amor.
A infância inda
brincava com nós.

Quando te via,
rimava amor
com seu calor,
e as estações todas
eram primaveras.

Houve, num dia,
um gesto de adeus,
um olhar de adeus,
o adeus.

Nós nunca mais fomos meninos
e teu riso tão riso
nunca mais sorriu.

D I S T A N T E

Na manhã de olhos claros
a lembrança veio vindo,
veio vindo.
E escrevi poemas de saudades,
ao meu amor distante.
Tão distante.

O ENGRAXATE

O menino veio correndo
perguntando:
“moço, qué que engraxa?”
O menino tinha olhos grandes
e tristes.
A tristeza não cabia
 nos seus olhos grandes.
O menino não sabia nada.

Tinha sorriso oco
e a cara amarela e boba.
O menino era besta mesmo
não sabia nem engraxar.

MARIA PRETA

Maria preta
foi o mais belo
de minha infância.
Maria preta
sorria branco.
E nos olhos brancos
de Maria preta
cintilavam duas pintas
pretas, como estrelas.
Maria preta,
amava o que eu amava,
sorria do que eu sorria,
chorava, quando eu chorava.
E eu amava Maria.

Maria preta
ficou no mais belo
de minha infância.
Branca, branca como um sorriso branco
de Maria preta.

VONTADE

Era amor menino,
amor de se sonhar.

As coisas ficaram eternas.
Tudo o que foi,
é na lembrança.

Vontade de qualquer coisa.
Coisa sem gosto
 amarga doce
vontade de não ter vontade
vontade de não sei o quê...

O cavalo comendo o verde.
Todo o verde da terra.
Só um cavalo poderia ser tão desumano.
Todo o verde da terra!!

Amarei você tanto,
que quando o dia vier,
pensará ter vivido
a eternidade em mim,
no amor de uma noite.

INDAGAÇÕES AO NADA

Por que o adeus?
Há sol,
flores,
o perfume da primavera.
Por que o adeus?
Há sonhos no ar.
Há troca de beijos.
Existe você,
eu,
nós dois,
o amor.

Por que o adeus?
Por quê?

SEU SORRISO

No seu sorriso criança,
Há um mundo.
Mundo, onde meus olhos
se perdem.

No seu sorriso
que nega,
afirma,
diz obrigado,
não gosto...

Há um mundo criança,
no seu sorriso
que amo.

RETRATO - SOMBRA

Tenho esperança de um dia,
vê-la cruzar meu caminho.
Abraçá-la-ei e beijarei seus olhos.
Os homens espiam as mulheres.
Vejo tantas
e sonho com você.
Não sei se o sol rasgou nuvens.
Há clareza demais na minha vida.

Caminho devagar
e minha sombra projeta-se longamente.
Seria o meu ou da minha utopia, o retrato?
Longamente sobre a escada,
galga todos os degraus,
penso ser eu a sombra dela.

De que me vale o seu bom dia?
Agradeço com um sorriso falso,
tão falso como o seu bom dia.

PRECE

Lábios murmuram preces.
Cabeças inclinadas,
o grande altar de deuses.
Preces murmuradas:
Senhor, dai-nos sol.
Senhor, dai-nos chuva.
Tirai meu filho da desgraça.
Dai-nos pão, senhor.

Soldados marcham
para a guerra.
Grandes explosões.
Lábios falando preces.
As formidáveis estátuas caídas
deixaram sombras.

Apenas sombras.

Cabeças erguidas,
lábios cerrados.
Olhos pedindo preces.

CRER

Deixa-me crer
em alguma coisa
além de mim.
Deixa-me crer-te
amigo,
além de mim.
No amor,
mesmo se ilusão.
Nas formas incoerentes
da minha fantasia de bronze.

No tinir da enxada,
que bate com a força de aço
dos punhos,
no solo de pedra.

Deixa que eu creia
no pescador que canta alto,
bem longe do mar,
sua aventura
e a esperança firme de voltar
ao seu barco tosco.
Para que eu viva feliz,

morra feliz,
sem pensar tudo isso
ter sonhado.

HORA ERMA

Sol embaçado.
Muito perdido.
Grito agitado.
Bocas gemendo.
Sob um céu
que se diz,
um mundo que é.

Há milênios que os homens
se constroem.
Há milênios que os homens
se iludem.

Por que observar o sol
que se flui entre as árvores?

QUADRO

Um candeeiro aceso
no escuro do quarto.
Suspiros longos vindos
da enxerga,
de uma vida que se apaga.
Crianças rotas,
Olhos assustados,
caladas.

Num canto,
da velha,
vê-se a brasa do cigarro,
acendendo
apagando.
Um homem,
com as mãos sobre os olhos
parece chorar.
Será?
Ah! essa vida miserável de pobre,

Sei não...

SILFOS EM BAILE

Silfos puros
no ar bailavam.
Tocavam meus lábios
no bailar.

A música dos silfos...
Ah! a música dos silfos
que bailavam,
era poeira de cristais
caindo,
mansamente

rapidamente

suavemente.

Bailavam puros,
tocando meus lábios,
beijavam meus olhos.

Silfos bailavam
no infinito tablado
do ar.
E eu amava o ar,
no infinito bailar
dos silfos.

DE TUDO A VOCÊ

Ladainha incessante.
Murmúrios ao nada.
Viraram-me as costas.
Pareciam humanos
os homens de costas.

Imediato, todos me olharam.
Cada olho, um pouco de céu.
Cada sorriso
era sorriso.

Gargalhei!

As crianças passaram
rápidas,
como a lebre de sonho.
Meus sonhos de criança,
passaram rápidos,
como as crianças.
Meu coração acelera
ao vê-la passar.
Fico mudo, eterno.
Eternizo o momento,
quando passa

você...

MIRAGEM

Um tom de miragem,
talvez paisagem...

É certo que as borboletas
de chumbo,
pousarão sobre mim.

O vento ópio
faz-me vento.

Beijo todas bocas levemente.

Miragem.

Por acaso
tenho cara de muro
de lamentações?
Caixa de segredos?
Pois contarei todos os segredos
que me forem confiados.
Mas nunca,
enquanto houver
miragem.

AINDA NO FIM

Um dia
ao crepúsculo
morrerei.
Levarei comigo todos os cantos,
todas as cores e aves
e nos céus
escreverei com eles,
seu nome incomum
de amor que tive,
de mulher que amei.

M E D O

Esse medo maior que meu sonho.
Sonhar com medo.
Advirto que em meu adeus há horas.
A chuva lá fora insiste reviver
searas perdidas.
Pobre e perdida chuva.

Por que amor assim rosa-azulado,

Perder-se num gesto-olhar de tempo?

Meu amor era poema e terminou
tão cedo.
Amarei
um poema maior,
talvez,
mas com medo.

VILA SORRISO

As imagens passam rápidas.

Doce embriaguez.

Coisas sorriem

janelas sorriem

portas sorriem.

Os risos se emendam.

Sorrisos rápidos passando.

Acabou a vila.

Olho pra trás

portas e janelas

devagar se fecham.

Na frente, o campo.

Deveria correr menos,

olhar mais,

colher sorrisos

da vila

de só uma rua.

ESTÁTUA

Ser estátua.
Diante de mim:
incerteza.
Presente informal
Todas as bocas
maldizem meu nome.
Ardente,
muita beijei.

Sinto-lhes o gosto agora.
Talvez tarde, agora.

Ser estátua,
imóvel.
Sentir toda comoção.

Ser estátua.
Nem uma lágrima.
Nem sequer,
uma lágrima...

QUANDO CANTASSEM OS GALOS

Hoje não há estrelas.
O céu é negro
por causa dos desejos.

O dia em que eu amar,
amarei muito, profundamente.
Tenho tanto desejo de amar.

O rio que passa é límpido,
tão límpido que se vêem as pedras.

Tudo tropeça.
O rio murmura triste.
Estou numa rua sem saída
e não como entrei.

Os galos cantam ao chegar a aurora,
não há aurora, não há nada.
Nunca soube porque cantam os galos.
Se eu amasse,
se gostasse ao menos,
veria auroras
e quando cantassem os galos
saberia por quê.

NUM INSTANTE DA VIDA

Sempre ando um pouco.
Naquele dia,
andava devagar,
e súbito fui empurrado
por um que corria.
Frear de carro
e baque forte.

Estático.

Apenas olhos moviam.
Contemplavam o homem morto.
Nunca soube quem foi.
Chorei naquele dia.

TIC - TAC

O silêncio e o tic-tac.
Não voltas.
Espero.
Não voltas.
O nada me consome.
Pigarreio.
E os tic-tac,
são passos, parecem.
No silêncio, odeio meu relógio.

Sonho com passos que voltam,
e não voltas
Ouço o tic-tac de trem partindo.
Foste.
Silêncio,
 lágrimas,
 o relógio

Amo-te
e não voltas.

ÂNSIA

Ânsia de todo ar do mundo.
Correr até que exausto caia
e sentir na boca o gosto da terra.
Porém estou acorrentado ao nada,
odiando-o violentamente em tudo
que sinto,
que toco.
Horas passo a contemplar o horizonte
E quando vou ao seu encontro,
vejo-o mais longe.

Nessa corrida para alcançá-lo,
transpô-lo

sentir-me livre,
caio exausto.
Sinto na boca o gosto da terra,
anseio todo ar do mundo
e vejo me preso à pequenez,
à impotência de ser livre.

RASTRO DE FOGO

Não quero pensar em você,
sua irreabilidade faz-me sofrer.

Não quero nada.

O que desejo é muito.

Ganhei um dia
uma rosa de cristal belíssima.

Julguei-a constante.

Desfolhou

Tenho-lhe algumas pétalas.

Quebrar-se-ão com o tempo.

Vi a lua morrendo
não no horizonte,
mas no fim do seu rastro de fogo
no lago.

Apagou-se lentamente.

Com ela morreram os amores,
nem o sol os vivificará.

MINHA VIDA

Minha vida é como meus passos.
Vão, mas não sei para onde.
É como meus desejos,
incerta.
Utopia minha vida.

Vejo uma estrela no céu.
Procuro outra,
vejo-a.
Gostaria que houvesse
somente aquela.

Se eu fosse dez,
seria dez coisas ao mesmo tempo.
Sou um, penso mil.

Existe tanta sombra,
de árvore, de marquise, de homem.
Fico ao sol olhando minha sombra.

Minha vida
Minha vida é como meus passos,
vão, mas não sei para onde.

QUASE PRESENTE EM MIM

Hoje não vi o sol,
senti seu calor.
Hoje não vi os homens,
pressenti-os.
Hoje sou triste, mais que nunca.
Ausente de tudo,
quase presente em mim.
Contemplo, extático,
tudo que me rodeia.
Há em mim calma,
dessas que precedem tempestades.
Há em mim conformação,
dessas que precedem a morte.

POEMA - DISTÂNCIA

Vontade de fazer poema.
O asfalto me separa da Saudade.
Sou também saudade,
não sei.

Meu vulto na paisagem
através da vidraça
parece voar.
Pássaro miragem.

Que enorme diferença
quando se situa entre
o mundo e mim
o vidro.
Nele o reflexo de mim
Em mim, a miragem do mundo.

Não sei por que
quando solto a fumaça do cigarro,
parece sair também um pouco de minha vida.
A vida mais parece a Saudade
que o asfalto separa de mim.
Coisa longe que o tempo apaga.

PINGO DE POEMA

Fim de tudo.
Começo do nada.
Início de mim.
Fascinação do informe.

Espero que o rígido
olhar da estátua,
se curve ante o meu.

Sou o pingo de chuva,
que cai no mar.
Ao primeiro contato com as espumas,
disse ao mundo:
sou o mar.
Ilusão de ser.

Amanhã pensarei melhor,
ou serei,
um poema,
em cada gota

do mar.

CIRO PALMERSTON, um dos fundadores do Grupo dos Escritores Novos (GEN) e elemento de prôa da AGT, fará o lançamento de seu primeiro livro, "Tempo Maior", no próximo dia 28, às 20h30m, no Bazar Municipal. A obra do jovem escritor reúne 45 poemas de sua autoria. Escritores e jornalistas estão sendo convidados para presenciar o auspicioso lançamento.

Menção ao livro Tempo maior, de Ciro Palmerston, na coluna "Flash Sociedade" do jornalista Lourival Batista Pereira publicada no jornal O Popular em 22 de dezembro de 1963

Fonte: Cedoc/O Popular.

UFG lançará Antologia Poética do grupo de escritores novos

Em edição patrocinada pela Reitoria da Universidade Federal de Goiás, através da Imprensa Universitária, será lançada brevemente uma Antologia Poética do Grupo de Escritores Novos, agremiação que lançaram recentemente o livro de poesias "Tempo Maior", de Ciro Palmerston.

Segundo consta, as provas já estão no prelo aguardando apenas a revisão final que será procedida pelo próprio G.E.N..

Nota publicada no jornal O Popular de 4 de fevereiro de 1964, que assinala o recente lançamento do livro Tempo maior, de Ciro Palmerston Muniz, como membro do Grupo de Escritores Novos (GEN).

POSFÁCIO UMA ESTREIA MAIOR

○ livro de estreia de Ciro Palmerston Muniz não poderia ter título mais preciso: *Tempo maior*. Afinal, o tempo é o grande protagonista da maior parte dos 44 poemas que compõem o livro. Os versos de abertura – “Aspirar incontida espera / neste acaso sem amanhã” (“Acaso”) – se encontram com os versos derradeiros da obra: “Amanhã pensarei melhor, / ou serei, / um poema, / em cada gota do mar” (“Pingo de poema”). Em ambos os trechos, como que circularmente, o poeta fala de um tempo que ainda não houve, um “amanhã”, um porvir, uma espera, algo misterioso que move o sujeito à frente. Mas o tempo, se é pensado nessa perspectiva de um futuro a chegar, também é sentido em sua plenitude de presente, uma espécie de *carpe diem* modernista: “Ser mais inconstante / que este momento / que não voltará nunca” (“Sentir”).

Se o futuro desconhecido e o presente intenso são motes de *Tempo maior*, mais ainda é a nostalgia de um passado, sobretudo a partir da rememoração da infância, como nos versos “Nós nunca mais fomos meninos” (“Floco de lembrança”) e “Tudo o que foi, / é na lembrança” (“Vontade”). Aqui, com a insistência do tema do *ubi sunt*, Ciro Muniz parece manifestar talvez a maior das presenças literárias em sua obra inaugural: Manuel Bandeira. Como se sabe, o tempo na poesia do recifense é constitutivo e vertical, desde *A cinza das horas*, em cujo título, tal como em Ciro,

já se inscreve a indelével passagem do tempo. O doído sentimento que impregna o memorável verso “A vida inteira que podia ter sido e que não foi” de Bandeira percorre o juvenil livro de estreia de Ciro.

Outro motivo, e também clássico, que se espalha ao longo de *Tempo maior* é a natureza, ou, mais precisamente, a relação do sujeito com o seu mundo, seu entorno geofísico mais imediato. Assim, pelos poemas, espalham-se alusões a neblina, capim, estrelas, animais, pedras, nuvens, sol, árvores, aves, céu, chuva, tudo convergindo – e esse é um estilema nitidamente romântico – para o estado de espírito do poeta. Por exemplo, quando diz “mundo onde os homens / não contemplam / nem o tom mais belo / das estrelas” (“Rosa-Estrela”), o poeta aponta para a insensibilidade geral diante do belo, insensibilidade que se traveste de indiferença e ignorância. Tal estado de coisas colabora para um forte sentimento de melancolia e solidão que atravessa *Tempo maior*.

A solidão tem sido, na história da poesia, companheira do gesto intransitivo, autorreferencial, ensimesmado que caracteriza a longa e constante tradição da metalírica. Em Ciro, de modo semelhante, essa tradição se perpetua. São muitos os poemas sobre poemas. Basta ver o título de quatro deles: “Poesia”, “Poema Neblina”, “Poema-distância” e “Pingo de poema”. A vontade de se expressar em versos se estende e se confunde com a vontade de pensar os versos: nessa dobra, fazer e mostrar o feito, se sintetiza o gesto metalinguístico, que é, no dizer de Barthes, em *Aula*, esse falar “dos signos com signos, é o próprio espetáculo dessa bizarra coincidência, desse estrabismo estranho que me aparenta aos mostradores de sombra chineses, quando esses exibem ao mesmo tempo suas mãos e

o coelho, o pato, o lobo, cuja silhueta simulam” (BARTHES, 1978, p. 38). Por isso, no último poema, o poeta fala em “fascinação do informe”, ou seja, atração por aquilo que ainda não ganhou forma – no caso, o poema vem, não como solução, mas como paliativo para pacificar, mesmo que por pouco tempo, aquela vontade de fazer, de fazer o poema sobre a vontade de fazer um poema.

Um verso de “Tic-tac” reúne alguns desses traços supracitados da poética de Ciro: “O nada me consome”. O título estampa conhecida onomatopeia que simboliza a passagem do tempo; na solidão, o poeta espera alguém que não chega (“No silêncio, odeio meu relógio”); para expressar tal estado de solidão, em que “nada” parece acontecer, o próprio nada se transforma em mote de poesia, pois “conso-me” o espírito do poeta. Não à toa, logo no poema seguinte, o quarto verso dirá: “estou acorrentado ao nada” (“Ânsia”). O nada, conceito tão investigado por diferentes perspectivas filosóficas, se faz algo, se faz ser quando se materializa em sílaba, palavra, verso, poema, livro.

Ciro Palmerston Muniz foi uma figura importante no cenário cultural goiano, desde os anos 1960, quando se lança no mundo literário, até 1996, quando bem jovem ainda falece. Em um verbete de um dicionário na internet, a profusão de substantivos exemplifica a importância e a dimensão do poeta: “Escritor, Poeta, Empresário. Ensaísta, Pesquisador, Produtor Cultural. Memorialista, Intelectual, Pensador. Ativista, Literato, Contista. Administrador, Cronista, Ficcionalista. Educador, Conferencista, Orador” (CIRO..., 1996, p. 258-259). Especificamente, quanto à sua trajetória de poeta, é importante registrar que, conforme esclarecedor artigo de Heleno Godoy (2011), em seu li-

vro *Chapéu – Toda poesia*, publicado em 1987 pela prestigiosa Massao Ohno, Ciro selecionou apenas três poemas de *Tempo maior*, o que permite supor que privilegiou nessa antologia poemas da maturidade. Acontece que, recuperando noutro sentido a famosa metáfora de Casmurro para Capitu, a fruta já estava dentro da casca.

Com justeza, considerando toda a obra de Ciro, Godoy afirma que para o autor de *Tempo maior* “poesia não é a forma de escamotear a realidade ou fantasiá-la, mas a forma possível de um poeta não se furtar à vida e enfrentá-la. Não é que a poesia solucione a existência dos problemas humanos (Ciro era muito cético para sonhar tanto), ela apenas possibilita ao homem deixar no mundo a sua marca, nomeando-o”. Nessa direção, os versos de “Minha vida” confirmam a reflexão de Godoy: “Minha vida é como meus passos. / Vão, mas não sei para onde”. Passo a passo, livro a livro, Ciro veio elaborando uma imagem de si mesmo no mundo, tentando entendê-lo e entender-se a um tempo.

Em um dos mais belos poemas do livro, “Num instante da vida”, testemunhamos essa “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”, para aproveitarmos título de uma das seções da antologia que Drummond organizou da própria obra:

Sempre ando um pouco.
Naquele dia,
andava devagar,
e súbito fui empurrado
por um que corria.
Frear de carro
e baque forte.

Estático.
Apenas olhos moviam.
Contemplavam o homem morto.
Nunca soube quem foi.
Chorei naquele dia.

Independentemente de o poema ter vindo de algum incidente da vida do poeta, o fato é que o acontecimento que ele “narra” mostra que o destino é indomesticável (daí o acerto de o primeiro poema do livro chamar-se “Acaso”). A história é tão cristalina, quanto trágica: num dia qualquer, enquanto caminhava devagar, o sujeito é empurrado; a seguir, ouve-se um “frear de carro / e baque forte”; e o triste desfecho de um “homem morto”. O “tempo maior” também aqui se inscreve: sempre, dia, devagar, súbito, estático, nunca, dia – tudo, no entanto, “num instante da vida”. A rapidez com que o desastre ocorre produz um “baque” semelhante ao atropelamento do anônimo que “salva” o poeta e, tragicamente, falece: a sequência de pontos finais nas frases curtas dramatiza na sintaxe o trauma que se faz fundo na memória do poeta. A sensação traumatizante do baque se faz literalmente ver e sentir na espacialização especial do sintagma “e baque forte”, que encena o deslocamento e o choque de corpos (carro e homem).

Outro poema que “destoa” do tom em geral tranqüilo dos poemas, a despeito da melancolia e da solidão reinantes, é “Miragem”, que vale a transcrição integral:

Um tom de miragem,
talvez paisagem...

É certo que as borboletas
de chumbo
pousarão sobre mim.

O vento ópio
faz-me vento.

Beijo todas as bocas levemente.

Miragem.

Por acaso
tenho cara de muro
de lamentações?
Caixa de segredos?
Pois contarei todos os segredos
que me forem confiados.
Mas nunca
enquanto houver
miragem.

O poema destoa porque há aqui um grau de psicodelismo que, embora presente em certas poéticas beats que chegavam ao Brasil dos anos sessenta do século passado, não encontra mais exemplos nos demais poemas de *Tempo maior*. Na miragem que o poeta experimenta, as borboletas são de chumbo, e o corpo do poeta se mimetiza ao vento, em dístico em que a transgressão sintática e semântica alcança um raro patamar na linguagem linear, transparente e harmoniosa de Ciro: “O vento ópio / faz-me vento”. Sujeito e objeto se confundem. Em vertigem, a sensação de plenitude ganha um aspecto fortemente

erótico (aspecto também raro no livro): “Beijo todas as bocas levemente”. A sexta e última estrofe traz algumas aparentes ameaças, no entanto com tom de blague (e o humor também pouco aparece em *Tempo maior*). O ópio, a miragem, o erótico, o humor, todos esses elementos estranhos fazem desse belíssimo poema um exemplo daquela profissão de fé há pouco referida: “Minha vida é como meus passos. / Vão, mas não sei para onde”. Se a miragem se impõe (se um novo passo se oferece), o poeta se dispõe a transformar a experiência da vertigem em versos. E o primeiro (e único) segredo a vir a público é exatamente a “Miragem” que temos à vista.

Em síntese, em *Tempo maior* temos o tempo como carro-chefe para reflexões poéticas: à espera de um futuro, vivendo intensamente o presente ou lembrando o que se foi, a finitude da vida se impõe como *leitmotiv* do livro; outro *tópos* é a *natureza*, que ambienta a vida do sujeito lírico, quase sempre criando um cenário físico que expressa o estado espiritual do sujeito; o exercício da *metapoética* é recorrente, e se faz em estreita conexão com o sentimento da *solidão*: o papel em branco simula certo silêncio típico de quem está só; por conseguinte, um *niilismo*, que se tingem de *tédio e melancolia*, toma conta de boa parte dos versos; uma forte *tendência autobiográfica*, como apontou Heleno Godoy, a despeito de todo fingimento que caracteriza a arte poética, percorre o livro (e a obra de Ciro). Estes são apenas alguns dos traços que dão uma pálida ideia do que se sedimenta em *Tempo maior*.

Nietzsche, em *Ecce homo*, define o que entende por leitor perfeito: “Quando me ponho a fantasiar a imagem de um leitor perfeito, sempre ela se configura como um prodígio de coragem e de curiosidade, e, além disso, de agilidade astuciosa, um prudente aventureiro e descobri-

dor nato.” (NIETZSCHE, 1984, p. 78). Cabe a este leitor (na miragem do filósofo, mas de cujo modelo podemos nos aproximar) se aventurar no livro, deixar-se levar e, mais, avançar e descobrir, nesta e nas demais obras de Ciro Palmerston Muniz como, passo a passo, se faz um poeta, se faz um poeta maior.

WILBERTH SALGUEIRO

Professor titular de Literatura Brasileira
na Ufes e pesquisador do CNPq

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

GODOY, Heleno. *Ciro Palmerston Muniz: poesia e autobiografia*. In: GODOY, Heleno. *Leituras de ficção e outras leituras*. Goiânia: Ed. PUC-GO: Kelps, 2011. p. 92-199. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/ensaios/ciro_palmerston_muniz_poes_e_autobiografia.html. Acesso em: 5 fev. 2019.

CIRO PALMERSTON MUNIZ. In: MARTINS, Mário Ribeiro. *Escritores de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1996. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=3259&cat=Ensaio&vinda=S>. Acesso em: 5 fev. 2019.

NIETZSCHE, Frederico. *Ecce Homo (Como se chega a ser o que se é)*. 5. ed. Trad. José Marinho. Lisboa: Guimaraes, 1984, p. 78.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luísa Sampaio

Revisão

Paula Fransinetti de Morais Dantas

Marilene Barbosa Pinheiro

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Fabricio Viera de Oliveira (Editora IFPB)

Renata Rosa Franco

Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavinin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

Formato 150 x 210mm

Tipografia Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)

Papel Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)

Tiragem 500 exemplares

*Amanhã pensarei melhor,
Ou serei,
Um poema,
Em cada gota
Do mar.*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

